

TRAJE, MUSEU E ACESSIBILIDADE: INCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL NOS MUSEUS

Costume, Museum and Accessibility: inclusion of visually impaired people in museums

Teixeira, Leticia Calvano; Universidade Federal de Juiz de Fora,
leticia.calvanotrixeira@gmail.com¹
Bonadio, Maria Claudia; Dr^a; Universidade Federal de Juiz de Fora,
mariaclaudia.bonadio@ufjf.br²

Resumo: O presente artigo destaca a importância das exposições museológicas para a educação e promoção cultural, ressaltando a necessidade de torná-las acessíveis para pessoas com deficiência visual. Com foco no acervo indumentário do Museu Mariano Procópio, em Juiz de Fora – MG, o projeto em andamento, orientado por professores da moda e design, combina audiodescrições e experiências táteis a partir de miniaturas tridimensionais, visando enriquecer a compreensão e o acesso ao patrimônio cultural, promovendo a inclusão e fortalecendo os laços entre a academia e a comunidade.

Palavras-chave: Indumentária; Acessibilidade; Museu

Abstract: This article highlights the importance of museum exhibitions for education and cultural promotion, emphasizing the need to make them accessible to visually impaired people. Focusing on the documentary collection of the Mariano Procópio Museum, in Juiz de Fora - MG, the project in progress, led by professors of fashion and design, combines audio descriptions and tactile experiences using three-dimensional miniatures, with the aim of enriching understanding and access to cultural heritage, promoting inclusion and strengthening ties between academia and the community.

Keywords: Clothing; Accessibility; Museum

¹ Graduanda no curso de Bacharelado em Moda da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e assistente editorial da Revista dObra[s], da Associação de Estudos e Pesquisas em Moda (Abepem).

² Doutora em História pela Universidade Estadual de Campinas (2005), professora da Universidade Federal de Juiz de Fora no curso de Moda; e nos Programas de Pós-Graduação em Artes, Cultura e Linguagens e História. E desde 2016 coordenadora do Grupo de Pesquisa em História e Cultura de Moda do CNPq.

Introdução

Exposições museológicas desempenham um papel fundamental na educação, preservação histórica e promoção cultural, segundo o ICOM (2016), ‘Os museus são espaços democratizantes, inclusivos e polifônicos que atuam para o diálogo crítico sobre os passados e os futuros’. No entanto, em sua maioria, as exposições, se tratando em específico daquelas que exibem trajes e indumentárias, não são planejadas e montadas a fim de compreender possíveis visitantes com baixa visão, deixando de lado a necessidade de inclusão estipulada pelo ICOM (*International council of museums*), se tornando assim inacessíveis para pessoas cegas ou com baixa visão, devido à sua natureza predominantemente visual.

A partir de leituras e questionamentos feitos por diferentes pesquisadores (Bononi, 2015; Heidrich, 2020; Júnior, 2018), os quais geraram iniciativas práticas e estudos acadêmicos voltados para a promoção da independência e inclusão desse grupo na sociedade, defendemos que é necessário fortalecer a busca por novas maneiras de tornar todo o espaço museológico acessível e interessante para um público cada vez mais diversificado.

O artigo tem como ponto de partida uma análise geral do acervo de indumentária do Museu Mariano Procópio (MMP), na cidade de Juiz de Fora – MG, com o objetivo de promover uma solução para o desafio de tornar as exposições indumentárias acessíveis às pessoas com deficiência visual (PCDv). O projeto busca compreender as necessidades e dificuldades enfrentadas por pessoas com baixa visão em sua interação com as peças de vestuário expostas, e a partir disso desenvolver soluções a fim de tornar tal acervo de vestuário interessante e acessível para tal grupo, elencando peças a serem trabalhadas por esse novo método de comunicação museológica. Permitindo assim uma abertura para que sejam realizadas explorações mais significativas desses objetos musealizados.

Destaco que, ainda que já existam pesquisa sobre a coleção de trajes sob a guarda do MMP, tal como “Trajetórias sociais das roupas do Museu Mariano Procópio: tramas e afetos” (PORTELA, 2017) e “O Museu Mariano Procópio e seu acervo de indumentária – os trajes do imperador” (FREESZ, 2015) que destacam o potencial dos acervos museológicos de vestuário para múltiplas discussões políticas e culturais, deixando em aberto as possibilidades de inovação tecnológica. Assim, o objetivo do projeto é, a partir da orientação do Prof. Dr. Ivan Mota Santos, docente do curso de Design da UFJF, produzir miniaturas táteis de peças selecionadas da reserva técnica. Através do escaneamento via fotogrametria com auxílio de aplicativos para captura 3D, e desenvolvimento de protótipos reduzidos dos objetos escolhidos, foram impressas, em conjunto com os alunos da do curso de Engenharia Computacional da UFJF, duas peças tridimensionais que posteriormente foram doadas

para o Museu e disponibilizados os modelos 3D digitalizados, para fins de divulgação e pesquisa sem a necessidade da visita ao acervo, por mais que esta não possa ser completamente descartada.

O Museu

Inaugurado oficialmente em 1921 pelo colecionador Alfredo Ferreira Lage (1865-1944), filho do comendador Mariano Procópio Ferreira Lage (1821-1872), o museu está ligado a importantes momentos da história do Brasil e da cidade, dispondo de um acervo composto majoritariamente por artefatos produzidos entre o final do séc. XIX e início do séc. XX e possui cerca de 132 peças de indumentária. Desde sua reabertura completa em maio de 2023, algumas peças de vestuário foram exibidas: , tal como o Fardão da cerimônia da maioridade e o Fardão da cerimônia de casamento pertencentes a D. Pedro II, que após a exposição “Fios de Memória: a formação das coleções do Museu Mariano Procópio” em outubro de 2023, foram substituídos pelo traje do Conselheiro José Machado Coelho de Castro e trajes militares da época, além de uma réplica do vestido da matriarca Maria Amália Ferreira Lage, criada pela professora Andrea Portela em conjunto com três alunas do curso de Tecnologia em Design de Moda do CES Juiz de Fora.

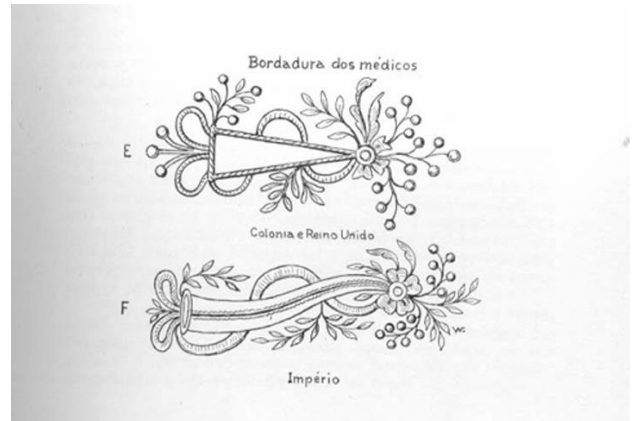
As peças elencadas para serem trabalhadas durante o projeto foram duas fardas de 1º e 2º uniforme e dois chapéus bicórneos do Conde Cláudio Velho da Mota Maia (1843-1897) - médico da Casa Imperial e professor de Anatomia da Academia Imperial de Belas Artes, e uma farda do Visconde de Lima Duarte (1826-1896) - médico e político que ocupou o cargo de senador do Império do Brasil de 1884 a 1889. A diferença na escala hierárquica entre seus títulos de nobreza, é evidenciada nas bordaduras contidas em seus trajes, diferenciando não somente os trajes de Côrte, primeiro, segundo e terceiro uniforme, mas também o título ou condecorações ostentadas por cada nobre. Por esse motivo foi definido que o projeto seria iniciado com o segundo uniforme pertencente ao Conde Cláudio da Mota Maia (Figura 1), identificado a partir da comparação com a ilustração da “Separata do anuário do museu imperial - 1950” e a bordadura dos médicos (Figura 2) no punho do fardão.

Figura 1: Punho do 2º Uniforme, Conde da Mota Maia



Fonte: Autoria própria (2024).

Figura 2: Bordadura dos médicos, F - Império



Fonte: Fardas do Reino Unido e do Império Separata do anuário do museu imperial - 1950

Com vistas a despertar nos visitantes portadores de baixa visão o interesse pela história da indumentária no Brasil Império e República, as impressões contarão com um conjunto de áudio descrições das peças, contando a história de cada personalidade e contexto do traje no acervo. Assim, é possível propiciar uma nova experiência tátil para os mais diversos visitantes, juntamente com a divulgação de informações necessárias para o entendimento da exposição como um todo.

As peças

No decorrer da pesquisa no interior da Reserva Técnica do MMP, surgiram diversos desafios, especialmente em relação à escassez de dados e informações presentes sobre cada objeto. Dessa forma, foi necessário redirecionar o foco do trabalho para somente os dois chapéus bicornes pertencentes ao Conde Cláudio Velho da Mota Maia, os quais despertaram curiosidade pelo seu descolamento da moda e variação em relação aos uniformes utilizados na época em que estão datados no catálogo.

No caso específico dos chapéus pertencentes ao Conde, que também foi comendador da Imperial Ordem de Cristo, esse deslocamento temporal é particularmente evidente. Nascido em 1843, Mota Maia supostamente utilizava um chapéu (Figura 3) cuja adoção no uniforme oficial, de acordo com J. W. Rodrigues, ocorreu em 1831, como destacado no trecho “Estas fardas foram mantidas até o fim do regime, sendo que o tope do chapéu armado passou a ser, depois de 1831, o então adotado: estrela de fio de ouro em disco de miçangas verdes; na presilha um dragão bordado.” (RODRIGUES, J. W. *Fardas do Reino Unido e do Império*. Separata do Anuário do Museu Imperial, Petrópolis: Museu Imperial, 1953. p. 34), detalhes que, mais de uma década após o início de seu uso no Brasil, continuavam a conferir a seus portadores um status simbólico elevado. O possível uso continuado desse acessório, já fora da moda da época, sugere que o bicornes funcionava como um objeto de distinção social e hierárquica, sendo reservado para membros de ordens acadêmicas e militares de alto prestígio.

Figura 3: Tope dragona do chapéu armado



Fonte: Autoria própria

Derivado do chapéu tricórnio, o chapéu bicorne foi estabelecido no século XVIII, e amplamente associado à figura de Napoleão e às tropas francesas, desempenhando um papel significativo nos trajes cerimoniais e uniformes de alta patente até o início do século XIX. Embora tenha sido gradualmente substituído por cartolas no vestuário civil e por bonés ou barretas no uniforme militar de baixa patente, o bicorne manteve seu uso entre indivíduos de posições sociais mais elevadas, como almirantes, generais e membros de ordens acadêmicas. Neste contexto, o chapéu não era utilizado como um acessório funcional, mas sim como um símbolo de hierarquia e prestígio, similar ao uso de uma medalha ou insígnia de condecoração, muitas vezes carregado sob o braço em eventos formais, recebendo assim o título de “*chapeu bras*”, projetados com o objetivo de as abas serem dobradas, para que pudessem ser colocadas sob o braço quando não estivessem sendo usadas.

Portanto, podemos supor que para seu antigo dono, o chapéu estudado tenha ultrapassado seu papel original como item de vestuário ou uniforme militar, assumindo uma função de demarcação social e honoraria, já que, seu uso entre membros da elite como Mota Maia, evidencia a permanência de símbolos de autoridade, mesmo em contextos em que a moda havia se modificado. Assim, o chapéu se torna uma confirmação da associação entre indumentária, poder e identidade no Brasil Império, como declarado por Camila Borges da Silva em sua tese “As ordens honoríficas e a Independência do Brasil: o papel das condecorações na construção do Estado Imperial brasileiro (1822-1831)”, na qual estuda as ordens honoríficas como parte significativa das representações mentais da sociedade, já que estas elevavam hierarquicamente seus membros e atendiam ao desejo de distinção dos aristocratas, reforçando a importância dos objetos que, embora deslocados de seu tempo, mantinham essa carga simbólica crucial para a manutenção das distinções sociais.

Por que miniaturas?

Buscando sensibilizar o toque, a miniatura tridimensional impressa se baseia na pesquisa de Bononi (2015) tratada em seu artigo “Aspectos inclusivos do design de moda para crianças com cegueira” enfatizando o trabalho com a percepção tátil não só com crianças, mas incorporando diferentes faixas etárias para possibilitar uma série de interpretações e percepções sensoriais a partir de uma mesma exposição. Aprendizado que não seria possível pela impossibilidade de contato com os objetos originais, que podem sofrer danos físicos irreparáveis como arranhões ou quebra, além de alterações químicas como resultado do contato com o PH da pele, que podem gerar manchas e desgastes na fibra do tecido.

Essa prática não apenas facilita o acesso do público aos acervos, mas também é uma forma de preservação dos objetos originais, os quais no Brasil, enfrentam desafios adicionais devido ao clima tropical, que acelera processos de corrosão, como diz Azzi no trecho:

Quanto ao Brasil, não há cursos de restauração têxtil no país, embora a demanda dos museus por esse tipo de trabalho seja intensa. A formação é realizada no exterior, o que torna o profissional ainda mais raro [...] além disso, são necessárias condições extremas de cuidado para armazenar o acervo, como temperaturas controladas, depósitos isolados e mão-de-obra específica. (Azzi, 2010, p.72)

Desde então, apesar da constante demanda de capacitação na área, alguns poucos cursos de conservação preventiva e restauração de têxteis foram oferecidos no Brasil: Bidoli do Laboratório de Conservação e Restauo da UFSC, iniciados em outubro de 2024; “Conservação Preventiva de Acervos Têxteis de Moda, Figurino e Indumentária” do Projeto Museologia da Moda, em maio de 2024, e “Conservação de acervos históricos” na Casa Zuzu Angel, em 2019, ministrados pela professora Manon Salles, além das matérias eletivas presentes em algumas graduações em museologia e conservação. Que apesar da grande contribuição que oferecem aos estudantes e profissionais, ainda são insuficientes para suprir a necessidade dos museus.

Com o objetivo de oferecer uma solução econômica e eficaz para tais adversidades, foi proposta a criação de réplicas em miniatura feitas a partir do escaneamento por fotogrametria, a qual determina a forma e posição dos objetos a partir da análise de múltiplas fotografias tiradas em diferentes ângulos e a fabricação de modelos tridimensionais pela impressão 3D. Oferecendo inúmeras possibilidades de utilização, como exposições, pesquisas e oficinas a fim de serem manuseadas pelo público, preservando assim os objetos originais e agregando novas conexões à relação museu-visitante. Com o desenvolvimento desse processo, é provável que ele futuramente seja considerado como uma forma de conservação preventiva para resguardar os objetos reais expondo uma miniatura ou réplica, criando um "plano B" mais acessível e de baixo custo comparado à restauração tradicional, que pela falta de investimento público e formação especializadas muitas vezes não tem suas necessidades atendidas.

Fazendo referência à digitalização de patrimônio de museus físicos desde 1992, segundo Merlo e Rahme (2015), o ICOM- *International council of museum* inaugura novas perspectivas de interação entre acervos e instituições, dessa forma a digitalização para sites e impressão para estudo e conservação a longo prazo, abre uma oportunidade de reprodução dos protótipos em larga escala e diversos tamanhos, tanto para divulgação histórica em escolas e comunidades, auxiliando na interatividade entre escola e museu, quanto para a adequação das exposições para o recebimento da visita de pessoas com deficiência visual. Bem como abre possibilidades para novos tópicos e inovações acerca dessa temática, oportunizando debates não apenas sobre a necessidade da conservação preventiva ou restauração do modelo 3D, já que tendo o modelo digital (Figura 4), é possível reproduzi-lo novamente quando necessário. Mas sobre novas maneiras de reprodução para aperfeiçoar as “réplicas”, já que os protótipos, ainda em fase de teste, não possuem cores ou detalhes com texturas bem definidas para além da modelagem, o que pode limitar a experiência dos visitantes.

Figura 4: Modelo 3D de chapéu para impressão e Modelo 3D de chapéu para site



Fonte: Autoria própria

Conclusão

Este estudo apresenta uma nova abordagem a fim de promover a inclusão e acessibilidade para pessoas cegas ou com baixa visão em exposições museológicas, utilizando da tecnologia das miniaturas táteis de indumentárias do acervo do Museu Mariano Procópio como forma de integrar conhecimentos teóricos e práticos, buscando criar uma experiência sensorial enriquecedora para diferentes públicos, ampliando seu acesso ao patrimônio cultural e fortalecendo os laços entre a academia e a comunidade. Através do desenvolvimento e implementação dessas soluções acessíveis, espera-se que este trabalho contribua significativamente para a

sensibilização da comunidade para com a importância do patrimônio histórico-artístico-cultural da cidade de Juiz de Fora-MG.

Com a iniciativa, busca-se ainda permitir a ampliação acerca da percepção do acervo do museu, levando a público réplicas de peças de indumentária permitindo ao público (mesmo aquele não possuidor de baixa visão), não apenas conhecer e tocar tais objetos, mas problematizar as hierarquias e status político presentes no vestuário, desmistificando a ideia de futilidade associada às peças de vestuário. A ideia é fazer pensar por que tais peças estão guardadas e outras não? Porque são significativas dentro da coleção do MMP e ainda usar as miniaturas em 3D como objeto de ensino e divulgação de conhecimento, por meio da História Pública, ou seja, que se dá a partir da

pluralidade de disciplinas e integração de recursos diversos. É um novo caminho de conhecimento e prática, de como se fazer história, não só pensando na preservação da cultura material, mas em como colaborar para a reflexão da comunidade sobre sua própria história, a relação entre passado e presente. Enfim, como tornar o passado útil para o presente. (ALMEIDA e ROVAI, 2013, p.2 e p.3)

Ou seja, além de ser um exercício em termos de modelagem 3D, a pesquisa visa elaborar um protótipo que permita que a “peça de museu”, circule para além de seu acervo e sala de exposição; que seja acessível para pessoas de baixa visão, mas que também aguace os sentidos de visitantes do MMP ou de pessoas que toquem as peças em outros ambientes, fazendo com que a percepção tátil possa despertar questões e curiosidades acerca da história, do fazer e da materialidade das peças.

Seguindo os preceitos da história pública, a ideia central é produzir, a partir de uma multiplicidade de saberes (História, Moda e Design), ‘conhecimento para um público amplo, porém sem perder a seriedade e com o compromisso da produção de saberes’ (ALMEIDA e ROVAI, 2013).

Embora tornar um museu 100% acessível seja um desafio, iniciativas como esta que ao partirem da Universidade pública, mostram que é possível criar espaços (ou artefatos) que permitam a todos se sentirem pertencentes e capazes de interagir com o patrimônio cultural de forma significativa e instigante, trazendo uma maior quantidade de pessoas para um ambiente atualmente esquecido pela população local.

Referências:

ALMEIDA, Juniele Rabelo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira **História pública: entre as “políticas públicas” e os “públicos da história”**. XXVII Simpósio Nacional de História. Natal: ANPUH, 2013

AZZI, Christine Ferreira. **Vitrines e Coleções: Quando a Moda Encontra o Museu**. 1ª ed. Memória Visual, 2010

BONONI, Juliana; CARVALHO, J. A.; DOMICIANO, Cássia Letícia Carrara; PINHEIRO, Olympio José; PASCHOARELLI, Luis Carlos; MEDOLA, Fausto Orsi; **ASPÉCTOS INCLUSIVOS DO DESIGN DE MODA PARA CRIANÇAS COM CEGUEIRA**, p. 954-966 . In: **Anais do 15º Ergodesign & Usihc** [=Blucher Design Proceedings, vol. 2, num. 1]. São Paulo: Blucher, 2015.

ISSN 2318-6968, DOI 10.5151/15ergodesign-72-E040

Acesso em 05 jul. 2024

DIAS, Glaucia Soldati; SANTOS, Ivan Mota; **CRIAÇÃO DE UM MAPA TÁTIL ATRAVÉS DA TECNOLOGIA ASSISTIVA: MAIS ACESSIBILIDADE AOS DEFICIENTES VISUAIS COM A UTILIZAÇÃO DA IMPRESSÃO 3D**, p. 5386-5397 . In: **Anais do 12º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design** [= Blucher Design Proceedings, v. 9, n. 2]. São Paulo: Blucher, 2016.

FREESZ, Clara. **O Museu Mariano Procópio e seu acervo de indumentária – os trajes do imperador**. Natal, 2013

HEIDRICH, Regina. et al. **História da indumentária, inclusão e acessibilidade: exposição multissensorial no museu nacional do calçado**. N°. 24. Revista Digital *Estudios Historicos*. 2020

LIMA JÚNIOR, G. C. A inclusão da pessoa com deficiência visual no ensino superior: Design de Moda e o Método SEE BEYOND. **Revista de Ensino em Artes, Moda e Design**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 029-056, 2018. DOI: 10.5965/25944630212018029. Disponível em:

<https://www.revistas.udesc.br/index.php/ensinarmode/article/view/11990>. Acesso em: 26 jun. 2024.

MERLO, Marcia. **Museus e Moda: Acervos, Metodologia e Processos Curatoriais**. 1ª ed. Estação das Letras e Cores, 2016

MERLO, Marcia. **Memórias e Museus**. 1ª ed. Estação das Letras e Cores, 2015

MOTTIN, Artur. et al. **ACESSIBILIDADE PARA TODOS: MAQUETE TÁTIL DO CONGRESSO NACIONAL – UM ESTUDO DE CASO**. V. 5, n. 9. Curitiba: Revista Tecnologia e Sociedade, 2009.

NOROGRANDO, Rafaela. **Moda & museu: instituições, patrimonializações, narrativas**. Artigo publicado na Revista D'Obras. Volume 5, N12 (2012). Disponível em: <<file:///C:/Users/Usuario/Downloads/Dialnet-ModaMuseu-6277657.pdf>> Acesso em: 05 jul. 2024

SILVA, Camila Borges da. **AS ORDENS HONORÍFICAS E A INDEPENDÊNCIA DO BRASIL: O PAPEL DAS CONDECORAÇÕES NA CONSTRUÇÃO DO ESTADO IMPERIAL BRASILEIRO (1822-1831)**, 2014. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=34906@1>>. Acesso em: 16 jul. 2024

SEPARATA do anuário do museu imperial – 1950. Petrópolis: Vol. 11, 1949. Disponível em: <<https://museuimperial.museus.gov.br/wp-content/uploads/2020/09/1950-Vol.-11.pdf>>. Acesso em: 04 jul. 2024

Juiz de Fora – Museu Mariano Procópio e suas coleções | ipatrimônio (ipatrimonio.org). Disponível em: <https://www.ipatrimonio.org/juiz-de-fora-colecoes-do-museu-mariano-procopio> Acesso em: 07 jul. 2024